

**SEM COMEÇO, MEIO E FIM**

**WITHOUT BEGINNING, MIDDLE AND END**

*Carla Moreira Kinzo*

*Para Kyra Cristóvão, a partir de Paul Auster*

DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.136927

 que fazemos com as coisas, o que as coisas fazem de nós; o tempo que nos dedicamos a elas e o tempo que elas transformam quando lidam conosco, alterando o que foi, o acontecido, o impossível de ter acontecido, o que ainda teimamos em não acreditar: aconteceu. Vejo, então, o movimento incessante de um objeto aparentemente fixo sobre um pedaço qualquer de papel – a tinta preta escorrega sem arreios enquanto escrevo; uso aquela velha caneta, ou antes, é ela que me usa, que usa o tempo, esse, o que está passando (ele ainda passa) entre nós.

\*

A letra dela era de quem não tinha pressa, nem o modo como se debruçava sobre as coisas (livros, papéis, mapas). Possuía, no entanto, uma espécie de urgência crônica; uma que não se via no corpo, ou nos gestos, mas que dizia *agora* de um jeito impossível de não entender. Muitos achavam, naquela época, que sua pressa era própria dos vinte e poucos

anos. Eu desconfiava, também naquela época, que não era só isso. Achava que havia alguma chave que me diria dela naquela letra lenta, redonda demais, calculada demais para alguém que não era de planejar. Ou que parecia que não iria planejar coisa alguma por muito tempo.

\*

Não há nada mais duro, foi o que aprendi então, do que encarar objetos no lugar de quem você deseja olhar. São coisas que não te olham de volta quando você olha para elas, mas que estão ali; suas presenças mudas falando do inútil de tudo aquilo, papel, lenço, fivela de cabelo, caneta, quando há a morte. As coisas vão te acompanhando, evocando de alguma maneira aquela pessoa, sempre de um jeito diferente, um ângulo pelo qual você não havia olhado uma cena, um gesto – *por que ela achou que eu iria gostar dessa fivela?* E com tudo isso há o tempo que passa, as coisas que seguem se transformando como se não fossem coisas; há você também, que se transforma, e eu – que passo a gostar da fivela depois de cinco anos e começo a usá-la e, usando-a, consigo me esquecer de você.

\*

“O homem de boa memória nunca se lembra de nada, porque nunca esquece de nada”. Eu me esqueci, outro dia, do dia em que acordei com um telefonema me falando que seu casamento seria em três horas; todo mundo havia se esqueci-

do que a festa era naquele dia e todos se arrumaram às pressas; minha irmã não conseguiu nem ir. Aquilo foi um esquecimento coletivo, que dizia muito do espanto (coletivo) de ter casar – ninguém se deu conta do tanto que você planejou aquele dia; você que não era de planejar nada, afinal; ou era?

Eu me lembrei, outro dia, de um pedaço da história de Ulisses. Que em uma de suas errâncias, ele se encontra com os Lotófagos, um povo pacífico, mas muito perigoso. De maneira perniciososa, eles te oferecem o eterno presente do esquecimento: o loto. Se você provar desse fruto, não mais desejará voltar para casa ou trazer notícias; ficará para sempre “esquecido do regresso”.

\*

Vou me esquecendo das coisas. É me esquecendo delas com afinco, sempre e todos os dias, que intuo um movimento inverso: só assim é possível me lembrar. Esqueço o que era evidente para mim então, a narrativa que preparava tão bem a sua partida. “Era como se tivesse pressa”. É preciso esquecer a narrativa que acha que explica o porquê de alguém tão jovem partir. Esqueço do dia em que te vi – você estava grávida de cinco meses, a barriga despontava; não me lembro mais da esquina em que nos despedimos, da cor da blusa que você usava, do nome da menina que não chegou a nascer. Esqueço tudo. Sua pressa em ter filhos, sua vontade de resolver a vida, tudo aquilo que você planejou e eu esqueci; esqueço o que se falou depois (ou era eu quem falava a mim mesma?); “era como se tivesse pressa, era como se soubesse”. Esque-

ço de vez essa frase estúpida, não me lembro. É então que volto o olhar uma vez mais para as coisas. Olho a caneta na mão direita. É só assim que se pode começar a escrever.

\*

Percebo, quase sem querer, que as coisas me olham de volta. Ou é, antes, a qualidade do olhar que deposito nelas que muda. Algo nelas diz através desse agora em que tento reproduzir não a sua, mas a minha própria letra: *foi. Aconteceu. Não será mais*. Retorno, no entanto, desordenadamente, ao corpo dos acontecimentos. Ainda é preciso retornar. Talvez seja preciso por um longo tempo ainda. Talvez a culpa seja da caneta, ou da fivela amarela. Ou da necessidade de uma narrativa que não se conforma num começo, num meio, num fim.

Submissão: 15/08/2017

Aceite: 07/09/2017